

Visões literárias da cidade da Bahia

Déa Maria Araújo Monteiro de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Visões literárias da Cidade da Bahia

Déa Maria Araújo Monteiro de Souza¹

Preâmbulo

O desafio era escolher um livro que atendesse à proposta de interseção entre Literatura e espaço geográfico, porque muitas idéias surgiram durante o curso. Entretanto, a literatura disponível que tematiza a cidade de Salvador é muito restrita. Quando o professor Délio Pinheiro, com sua vasta experiência e sensibilidade, sugeriu-me o Morro do Conselho, localizado no Rio Vermelho, então pensei: por que não Rio Vermelho? Trata-se de um bairro pelo qual sempre mantive uma certa paixão, principalmente pelo fato de nele encontrar as minhas raízes. Foi nesse bairro bucólico que nasci, passei minha infância, adolescência e continuo na vida adulta.

O Rio Vermelho tem uma história datada da época anterior à fundação da própria cidade de Salvador. Segundo o historiador baiano Luís Henrique Dias Tavares, o primeiro homem branco que teria chegado nesse local foi Diogo Álvares Correia, que,

após um naufrágio ocorrido entre 1509 e 1511, buscou abrigo na Pedra da Concha, um rochedo na praia da Mariquita, sendo descoberto pelos indígenas, que o chamaram de Caramuru, na língua dos índios “peixe que sai do mar”.

A lenda, conta que Caramuru só sobreviveu por ter despertado o amor de uma jovem índia Tupinambá, filha do chefe da tribo. Ele se casou com essa índia, que recebeu o nome de Catarina Álvares Paraguaçu, e, em 1536, ajudou o donatário Francisco Pereira Coutinho a erguer a Vila do Pereira, ou Vila Velha, onde hoje se situa o largo da Graça. Caramuru também ajudaria ao primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza, a fundar a cidade de Salvador, em 29 de março de 1549.

Tudo isso foi importante e decisivo na escolha do livro “A Casa do Rio Vermelho”, da autora Zélia Gattai, para a construção do meu texto.

Inicialmente, será feito um breve resumo da obra literária da autora, para melhor compreensão do trabalho; em seguida, o texto partirá da citação de trechos da autora que posicionam o bairro no momento em que esses fatos aconteceram, dentro do contexto da cidade do Salvador.

É importante assinalar que, durante a realização deste trabalho, emergiram saudades dos tempos das matinês, com direito a entrada franca no Cine Rio Vermelho, do sorvete de coco de seu Valdemar e do acarajé da minha “freguesinha”, do bando anunciador, dos passeios pelas ruas do bairro sempre em grandes turmas, dos finais de tarde na balaustrada, com direito a muitas paqueras, para apreciar o pôr do sol e a chegada dos barcos repletos de xixaros e outros peixes, dos banhos de mar na Praia da Avenida do Morro do Conselho, onde empinei muita arraia e corri picula.

Resumo da obra

A Casa do Rio Vermelho, de Zélia Gattai, narra, numa linguagem simples, algumas passagens do dia-a-dia da autora, desde

a sua decisão de mudar para a Bahia, no final da década de 50, até a sua chegada, no início dos anos 60, passando pelos anos 70 e 80, com algumas pinceladas nos anos 90.

A escritora relata, em toda a obra, sua vida de mulher, mãe e dona de casa, seus problemas domésticos, sua relação e adaptação com os empregados, a casa movimentada pelos amigos locais e amigos ilustres de outros lugares, suas viagens pelo mundo.

A mesa baiana com seus temperados pratos e quitutes suculentos, também foram lembrados pela autora. Não foi esquecido também o sincretismo religioso do baiano, várias vezes discutido na obra.

Finalmente, a autora também expõe o seu medo de o marido ser preso, quando da ditadura no Brasil: um período sombrio, marcado pela perseguição política, a tortura, o desaparecimento de opositores ao regime. Os anos 70 também foram lembrados pelas manifestações de resistência cultural e pela diversidade dessas manifestações ocorridas nas ruas de Salvador, tendo ela e sua filha como participantes.

A Bahia, na década de 60, era vista pela própria população como uma cidade não polida, atrasada, perdida no tempo e não inserida no movimento vivo do mundo: era tal como veio da natureza. Esse fato é evidenciado na página 17, do livro *A Casa do Rio Vermelho*, quando Zélia Gattai, numa conversa com seus sogros, participa sua intenção de morar na Bahia:

Menina, vocês estão malucos? Deixar uma cidade linda como Rio de Janeiro, com praias e jardins, para irem se meter naqueles matos? (...) Fia, vê se da uns conselhos pra Jorge. Diga pra ele, que o lugar de vocês é na cidade. Não é no mato.

Além disso, existia a crença de que seus habitantes eram rudes e não eram instruídos, como pode ser constatado na página 19, num outro diálogo, quando a autora, esperando impressionar a sogra, argumenta que o lugar é bonito, tranquilo e que iria ser bom para os meninos.

Bom para os meninos? Ta ... Que bom, o quê? Bom, coisa nenhuma! Teus filhos vão virar dois tabaréus tu pensa que lá tem as facilidades daqui? Tu pensa que lá tem recepções nas embaixadas? Vai ver que nem embaixadas têm por lá. Tu pensa que lá é como aqui, todo mundo convidando pra festas? Vá atrás disso...

Nessa ofensiva, a sogra da autora esquecia que, a partir da década de 50, a Bahia estava entrando, gradualmente, no movimento industrial brasileiro, com a criação de um setor petrolífero em nossa economia e, na década de 1960, com a implantação do Centro Industrial de Aratu.

É muito importante dizer que a instalação do CIA, em Aratu, só foi possível com o governo entrando em cena, providenciando através de incentivos fiscais, a oferta de capitais necessários à montagem desse setor industrial. Foi justamente com essa política do governo federal, via Sudene, que se iniciou a industrialização nordestina. Em consequência, assistimos, nessa década, a uma modificação na ocupação do espaço da cidade de Salvador, e o bairro do Rio Vermelho não escapou dessas mudanças. Sofreu modificações profundas em sua estrutura paisagística, a exemplo da demolição dos restos do Forte, no local onde foi erguida a nova Igreja de Santana, dentre outras que serão mencionadas mais adiante.

Mas voltemos ao setor petrolífero. “Ao se implantar no Recôncavo, a Petrobrás significou nada menos do que um volume de investimentos inéditos em toda a história econômica da Bahia”, descreve Antônio Risério, em seu livro *Uma História da Cidade Da Bahia*. Nessa época, com a construção de estradas na área petrolífera, as cidades do Recôncavo foram o trampolim para o início do crescimento da cidade de Salvador. As moradas situadas na Vitória e na Barra somente eram permitidas a quem fosse abastado, e o Rio Vermelho era utilizado somente para a pesca e o veraneio. Esse fato é comprovado na página 35, quando a autora relata a participação aos amigos da compra da casa: “Todo mundo se ad-

mirou: por que no Rio Vermelho e não num bairro nobre, como a Barra, o Corredor da Vitória, por exemplo?” (p. 35)

É bem verdade que o Rio Vermelho, até a década de 60, também era considerado um bairro distante do centro da cidade, representado pela Praça Castro Alves e pela Rua Chile. Para se chegar ao Centro, que o povo denominava de “ir à cidade”, o bairro dispunha de dois itinerários: pelo “Rio Vermelho de cima” (o itinerário era largo da Mariquita, Praça Colombo, Rua João Gomes, Rua Eurícles de Matos, Avenida Oceânica com fim de linha na Praça da Sé) ou pelo “Rio Vermelho de Baixo” (o itinerário era Largo da Mariquita, Praça Colombo, Rua João Gomes, Largo de Santana, Travessa Santana, Rua Conselheiro Pedro Luís, Avenida Vasco da Gama, com fim de linha na Praça dos Veteranos).

A paisagem urbana, nessa época, era definida pelo vasto acervo de bens arquitetônicos, formados de palacetes, casarões e casas antigas; muitas ruas eram de barro batido, e outras calçadas com paralelepípedos. Havia asfalto na Avenida Oceânica (inaugurada em 1922, quando J. J. Seabra governava o Estado pela segunda vez), que ligava o Rio Vermelho à Barra, e na Avenida Otávio Mangabeira (inaugurada em 1949, no governo de Otávio Mangabeira), que ligava o Rio Vermelho aos bairros de Amaralina, Pituba e Itapuã. Assim, a comunicação entre o centro da cidade e os bairros de Amaralina, Pituba, Itapuã e até mesmo para o aeroporto e vice-versa tinha de ser feita através do Rio Vermelho. Mesmo com esse fluxo de veículos pelo bairro, o Rio Vermelho continuava um lugar tranquilo, guardando grande parte de suas tradições e características. Na página 34, a autora faz referências a uma dessas tradições do bairro: “... assistiríamos de nossa casa, de nosso terraço, a festa da Mãe d’Água, a procissão marítima seguindo até o fim.” A festa da Mãe d’Água a que a autora se refere é a festa em louvor a Yemanjá, que acontece no dia dois de fevereiro. Não se sabe exatamente quando ela começou, todavia os pescadores mais antigos afirmam que começou em 1924.

Segue a descrição da festa feita pela autora:

...o espetáculo do pôr-do-sol, na hora da Viração, é inigualável...Dezenas de embarcações a vela, carregadas de oferendas as mais diversas... levadas pelo povo que, pacientemente, em filas quilométricas, aguarda a sua vez de depositar o presente num balaio e fazer seu pedido. O balaio, quando cheio, é colocado no barco... Eles se distanciam... Só então os cestos, transbordados de prendas, são depositados no mar.”
(p. 34)

A festa de Yemanjá, uma das maiores festas populares da Bahia, além de acontecer no mar e na Casa do Peso, acontece também, nas ruas, com milhares de pessoas divertindo-se, dançando, comendo e bebendo, registro feito na página 47:

... nas barraquinhas de bebidas e peixe frito, o povo abrigava-se do sol, descansava, emborcava cerveja, batia papo, cantava. Nos sentamos numa barraca, escolhemos uma que dava sobre o mar ...

Na página 33, a autora afirma: “Em outubro de 1961, assinamos finalmente a escritura de nossa casa na Bahia, localizada à Rua Alagoinhas, bem no alto de uma ladeira, no Rio Vermelho.” Mas a autora não sinaliza, talvez por uma questão de privacidade, que essa rua fica no Parque Cruz Aguiar. O Parque, carinhosamente chamado pelos moradores, construído entre 1945 e 1955, foi o primeiro loteamento destinado à classe média a ser construído em Salvador. Possuía infra-estrutura completa, com casas prontas para morar, muitas delas com arquitetura que lembra a de um bangalô.

Embora no bairro existissem diversos bares, armazéns, panificadoras e alguns centros de abastecimento, a população carecia de estabelecimentos que vendessem gêneros mais sofisticados: “...havam aberto na Barra, no Alameda, uma casa que vendia frutas e verduras vindas de São Paulo. Era a primeira e única freguesia enorme ...” (p. 96). É importante assinalar que o comércio da época colonial de Salvador ainda se fazia presente no bairro,

pois era comum a figura de vendedores ambulantes, com um balaio de cipó na cabeça, que levavam seu produto à porta de quem pudesse comprar.

É claro que o bairro, na época, já contava com vários estabelecimentos educacionais, mas o eleito para os filhos estudarem foi o Colégio Manoel Devoto, que, em 1962, era considerado um modelo de estabelecimento de ensino: "... Conseguimos a transferência de João Jorge e Paloma do Colégio Andrews, no Rio, para uma escola pública em Salvador, o colégio Estadual Manoel Devoto." (p. 88).

Desde a década de 50, o Rio Vermelho conquistou status de ser um bairro dos artistas e intelectuais, haja vista a quantidade de artistas plásticos, músicos, cantores, compositores, atores, poetas etc que moravam no bairro: "A casa do escultor Mário Cravo, no Rio Vermelho, era ponto de intelectuais da Bahia e dos que vinham de fora ..." (p. 44); "Caribé e Nancy moravam no Rio Vermelho, no largo de Santana." (p. 5) "O Rio Vermelho é o local preferido para residência de artistas. É o Montparnasse baiano...", descreve sinteticamente Darwin Brandão & Mota e Silva em *Cidade do Salvador, Caminho do Encanto*.

Em função disso, era bastante visível a existência de visitantes ilustres que entravam e saíam da residência de algum nome famoso.

Era freqüente essa agitação cultural ocorrer na casa da autora, o que está registrado em vários trechos de sua obra:

...muitos amigos foram nossos hóspedes, no correr dos anos: Roseana Sarney e Jorge Murad, Pablo Neruda e Matilde, Chico Anísio, Sônia Braga, Sérgio Porto, Anny, Claude Basset, entre outros vindos de todas as partes. (p. 114)

... reunidos em torno dos queijos e vinhos estavam: Caribé e Nancy, João Ubaldo Ribeiro, Jenner e Luísa. (p. 123)

... nossa casa era freqüentada por Dorival Caymmi, Vinicius de Moraes, João Gilberto, Tom Jobim, Sérgio Porto e outros bambas, sem contar os estrangeiros e os artistas importantes da terra. (p. 119)

... na época de nossa chegada a Bahia, Caetano Veloso, Maria Betânia, Gilberto Gil e Calasans Neto freqüentavam pouco a casa do Rio Vermelho.(p. 124).

Ubaldo Marques Porto Filho conta, em seu livro *Rio Vermelho*, que, por muito tempo, o bairro guardou muito das suas relíquias do passado, mas não podemos nos esquecer de que foi na década de 60 que chegaram os primeiros agentes realmente transformadores da sua fisionomia urbanística, com a implantação do Loteamento Jardim Caramuru, nos arredores da Mariquita, e a construção de duas fábricas que, para o modelo da época, foram consideradas de grande porte: a dos Biscoitos Águia Central e a da Coca-Cola, construídas na Avenida Vasco da Gama, numa área onde havia uma ampla plantação de hortaliças.

Nos anos 60 e 70, com a explosão da construção civil e a criação do Sistema Financeiro de Habitação, houve a construção do Conjunto Santa Madalena e do Parque João XXIII, que continuam mudando a paisagem da Vasco da Gama.

Do ponto de vista urbanístico, os anos 70 foram transformadores para o Rio Vermelho, em consequência do crescimento da cidade de Salvador. Foi sob o comando de Antônio Carlos Magalhães, em administrações mais ou menos sucessivas, que a cidade mudou realmente de fisionomia:

... a população de Salvador aumentava. Tornava-se quase impossível o trânsito pelas ruas do Centro, cada vez mais sufocado. Fazia-se necessário abrir as comportas, estender a cidade ... (p. 17)

Salvador então foi rasgada na sua construção, não se respeitando sua população vivente.

Essa ideologia urbanística fez Salvador copiar o modelo de destruir a cidade, visando ao favorecimento do transporte:

... arregaçou as mangas e foi em frente: abriria vales e montes, na direção do aeroporto, construiria avenidas, pontes e eleva-

dos nos quilômetros e quilômetros de terras abandonadas, mato desprezado, expandira a cidade de Salvador. (p.177)

E foi nesse contexto que o bairro foi “beneficiado” com duas grandes avenidas de vale: a Juracy Magalhães Júnior e a Anita Garibaldi.

Nessa ofensiva demolidora, a especulação imobiliária caminhou lado a lado com esse urbanismo predatório. Em poucos anos, monumentos históricos e arquitetônicos do bairro foram demolidos, antigos casarões, localizados no trecho conhecido como Paciência, foram colocadas abaixo, as áreas verdes significativas do bairro também não foram poupadas. Com empresas adquirindo terras “a preço de banana”, ou simplesmente as incorporando, reeditava-se, de certa forma, um sistema em vigor nas capitânicas hereditárias. A construção de prédios de apartamentos proliferou de forma espantosa.

Em 1972, foram iniciadas as obras do emissário submarino, obra de grande porte, que integra o sistema de esgotamento da cidade. A obra significou um sacrifício para os moradores do bairro, para os pescadores, e para a praia da Mariquita, que deixou de ser própria para o banho.

A construção desse emissário é lembrada na página 178: “... pois o pioneiro das obras do esgoto da cidade foi Antônio Carlos Magalhães. (...) Fazemos parte dos sacrificados e recompensados depois, já que nossa casa da rua Alagoinhas ...”

Essas mudanças, iniciadas no Rio Vermelho a partir década de 60, fizeram com que seus tradicionais moradores migrassem para outros bairros. Os poucos moradores antigos que insistem em viver no bairro, dentre várias perdas, não mais contam com as suas praias de águas tranquilas e límpidas, com a vista privilegiadíssima do mar, com o acesso a dois morros importantes e até históricos: o Morro do Conselho e o do Menino Jesus.

A década de 80 foi marcada por vários movimentos organizados pelos moradores, intelectuais e outras pessoas, que queriam transformar a Fábrica de Papel da Bahia (Sapelba), já semidesativada, em um Centro Cultural para o bairro. Essa fábrica, por muitos anos, fez parte do bairro, pois começou a operar inicialmente, na década de 20, como fábrica de cerveja, passando, nos anos 30, a funcionar como fábrica de papel.

Apesar das diversas mobilizações dos moradores e de a imprensa assumir a bandeira na defesa da não demolição da fábrica, o sonho dos moradores do Rio Vermelho não se concretizou: no lugar da antiga fábrica, hoje se encontra um posto de gasolina e uma lanchonete do Mc Donald. Entretanto, a chaminé da fábrica permanece ainda no seu antigo lugar, como apitando por socorro, para que novas demolições não surjam no bairro.

Também foi alvo de discussão a velha igrejinha de Santana, quando cogitaram demoli-la, para alargar a rua. A luta pela preservação da Igreja foi vitoriosa: ela continua até hoje no meio da praçinha, agradecendo aos que lutaram pela sua permanência e convivendo com as mudanças ocorridas na praça, atualmente reducto de famosas baianas de acarajé.

Claro que a beleza do bairro não foi destruída, mas, inegavelmente, foi comprometida. Muitas coisas deixaram de existir, enquanto novos elementos apareceram, compondo a nova paisagem do Rio Vermelho. Hoje, além de ter se tornado uma área densamente povoada, o Rio Vermelho conta com o surgimento de novos edifícios, novas instalações econômicas e culturais, como bancos, centros comerciais, restaurantes, hotéis, supermercados, escolas, lanchonetes, clínicas, faculdades, shopping center, bibliotecas, galeria de arte, casas noturnas, bares, famosas baianas do acarajé, dentre outras coisas.

Embora achando necessário o progresso, creio que essa transformação urbana, ocorrida com a expansão e a modernização de toda a cidade de Salvador, a partir da década de 50, afetou a fei-

ções urbanísticas do bairro. O meu Rio Vermelho, local onde nasci, passei a adolescência e a juventude, com as profundas mudanças sofridas, perdeu a imagem de bairro pacato, por força do tráfego intenso de veículos e pelo corre-corre da vida moderna.

NOTAS

¹Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

REFERÊNCIAS

GATTAI, Z. **A casa do Rio Vermelho**. Rio de Janeiro: Record, 1999. 301 p.

LOPES, L. **O Rio Vermelho e suas tradições**: memórias. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984. 107 p.

PORTO FILHO, U. M. **Rio vermelho**. Salvador: AMARV, 1991.

RISÉRIO, A. **Uma história da Cidade da Bahia**. Salvador: [s. n.], 2000.

SOUZA, A. A. de. **Nas bandas do Rio vermelho**. Salvador: Associação Atlética do Rio Vermelho, 1961.

SOUZA, A. P. **Salvador, capital da colônia**. São Paulo: Atual, 1995. 39 p.